

Psicologia Humanista



Comunicação CRPRS

O CRPRS entrevista José Arvedo Flach, o Irmão Henrique Justo, precursor da Psicologia Humanista no Brasil. Realizou cursos de especialização em Barcelona (Psicologia Aplicada e Psicotécnica, 1956 – 1957), Paris (Psicologia Clínica, 1966 – 1967) e San Diego (Psicoterapia Centrada na Pessoa, 1976). Foi um dos fundadores e posteriormente diretor do curso de Psicologia da PUCRS e precursor da Psicologia Humanista no Rio Grande do Sul.

Como surgiu o seu interesse pela Psicologia?

Eu sou daquela época na qual não existia curso de Psicologia. Fiz o Ensino Médio em Canoas e depois a Escola Normal, em que havia bastante Psicologia. Como não existia curso de Psicologia para fazer na faculdade, eu optei pelo curso de Pedagogia, concluído em 1947 na PUCRS. Depois, fui convidado a ser professor de Psicologia no curso de Pedagogia. Nessa época utilizava como referência obras de Mira y López e Arthur Ramos. Como haviam poucos livros, comecei a preparar apontamentos que acabaram se transformando em livros. Nós, professores de Psicologia da Pedagogia, Filosofia e Licenciaturas, decidimos nos aperfeiçoar. Convidamos, então, o professor Bela Székely, um psicólogo húngaro que se radicou na Argentina. No final daquele curso, em 1953, o Conselho Universitário optou por abrir um curso de pós-graduação em Psicologia, já que não havia lei para ter um curso de graduação na área. Em 1956 veio um psicólogo de Viena chamado Igor Caruso, de origem russa, mas que tinha estudado Filosofia em Lovaina, na Bélgica. Bela Székely causou todo o rebuliço dos psicanalistas porque ele não era ortodoxo, era mais aberto. Na época, a Psicanálise era uma atividade médica e psicoterapeutas não psiquiatras eram malvistas. E Igor Caruso veio com outra visão com base da filosofia existencialista.

Como iniciou sua aproximação com a Psicologia Humanista?

Quando li o livro “Análise Psíquica e Síntese Existencial”, de Igor Caruso, comecei a me interessar por essa visão, mas o achei demasiado espiritual, em contraposição a Freud, que achei demasiado materialista e determinista, ou seja, você é isso hoje porque foi aquilo no passado. Em 1955, no Primeiro Congresso para as Leis de Psicologia em Curitiba, apresentei um trabalho-teste da pirâmide de cores, inventado por um suíço e trabalhado, ampliado e aperfeiçoado pela Universidade de Friburgo, na Alemanha. No ano seguinte, consegui uma bolsa na Espanha, onde tive contato direto com os autores dos livros principais desse teste.

Depois, conheci o livro “Psicologia e Personalidade”, de Roberto Zavalloni, e lá havia um capítulo sobre Carl Rogers.

Na época, mandei vir vários livros de Rogers dos Estados Unidos. Ele era muito aberto, centrado na pessoa e não no modelo médico, como era o caso do Freud. Acompanhava a pessoa em sua caminhada, fazendo refletir sem interferir, sem dar conselhos. Mais adiante, já em 1966, ganhei uma bolsa para estudar em Paris, era um curso de especialização em psicologia clínica na perspectiva da Abordagem Centrada na Pessoa, oferecida pela Association Médico-Psychologique. Entre os professores, conheci André de Peretti, que estagiou com Carl Rogers nos Estados Unidos.

QUANDO LI O LIVRO “ANÁLISE PSÍQUICA E SÍNTESE EXISTENCIAL”, DE IGOR CARUSO, COMECEI A ME INTERESSAR POR ESSA VISÃO, MAS O ACHEI DEMASIADO ESPIRITUAL, EM CONTRAPOSIÇÃO A FREUD, QUE ACHEI DEMASIADO MATERIALISTA E DETERMINISTA, OU SEJA, VOCÊ É ISSO HOJE PORQUE FOI AQUILO NO PASSADO.

O senhor teve contato direto com Carl Rogers? Como foi?

Sim, fiz o curso com ele e sua equipe em 1956, 1966 e 1976 na Universidade da Califórnia, nos Estados Unidos. Ele era supercoerente e modesto. Se você dizia uma coisa para ele, ele escutava bem, sabia escutar. Estava sempre com a caderneta no bolso anotando as coisas. Em 1976, eu e outros brasileiros tivemos a ideia: que tal levarmos o Carl Rogers para o Brasil? Planejamos para ele ir ao Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre, mas ele disse que Porto Alegre não o interessava porque o sul do Brasil era mais parecido com a Europa. Disse que gostaria de conhecer o nordeste. Então, optamos por Recife. Mas deu certo. Tivemos um grande público, muita divulgação, ele deu muitas entrevistas. Era um homem muito humilde, não queria que o nome dele fosse vinculado a nenhuma instituição, nenhum consultório.

A abordagem humanista era considerada inovadora para a época?

Quando dava aulas no curso de Pós-Graduação e Graduação de Pedagogia na PUCRS, um dia uma aluna me chamou e disse que eu era o único que falava uma linguagem diferente dos professores. Eu pensei, não é uma linguagem diferente, é uma visão diferente, bem diferente, mas me aceitavam bem por ter essa visão. Foi em Paris que tive embasamento teórico e prático para seguir nessa linha. Lá todos os professores eram fantásticos, coerentes com essa visão. Em 1976, quando me tornei diretor do Instituto de Psicologia, decidi ampliar as possibilidades, pois lá havia só Psicanálise e pensei: como as pessoas vão escolher se não tem várias opções? Aí foi adiante o movimento da Psicologia Humanista, que hoje está bem encaminhado.

UM DIA UMA ALUNA ME CHAMOU E DISSE QUE EU ERA O ÚNICO QUE FALAVA UMA LINGUAGEM DIFERENTE DOS PROFESSORES.

De que forma acompanhou a regulamentação da profissão de Psicologia no Brasil?

Em 1955, durante Congresso em Curitiba, a irmã Maria Dória, de São Paulo, apresentou um projeto de lei para constituição de cursos de Psicologia. Esse projeto foi muito debatido e depois encaminhado para o Governo. Nesse mesmo ano, houve um encontro de professores de Psicologia na Universidade de Brasília, onde tratamos de programa e currículo para a criação dos cursos. Até hoje me espanto com a rapidez com que a coisa caminhou, pois em 1962 já saiu a lei. Houve também a pressão dos que tinham feito pós-graduação em Psicologia. É uma lei muito boa, mas que pode ser aperfeiçoada. Viajei muito pelo mundo e por onde passei me interessei em estudar sobre a Psicologia e em quase todos os países o psicólogo é monitorado por um médico, psiquiatra de preferência, não tem autonomia como nós temos autonomia.

VIAJEI MUITO PELO MUNDO E POR ONDE PASSEI ME INTERESSEI EM ESTUDAR SOBRE A PSICOLOGIA E EM QUASE TODOS OS PAÍSES O PSICÓLOGO É MONITORADO POR UM MÉDICO, PSIQUIATRA DE PREFERÊNCIA, NÃO TEM AUTONOMIA COMO NÓS TEMOS AUTONOMIA.

QUANDO EU ERA
DIRETOR DO INSTITUTO
DE PSICOLOGIA, HAVIA
APENAS TRÊS CURSOS DE
PSICOLOGIA NO ESTADO.

E como a categoria se organizou para fortalecer a profissão?

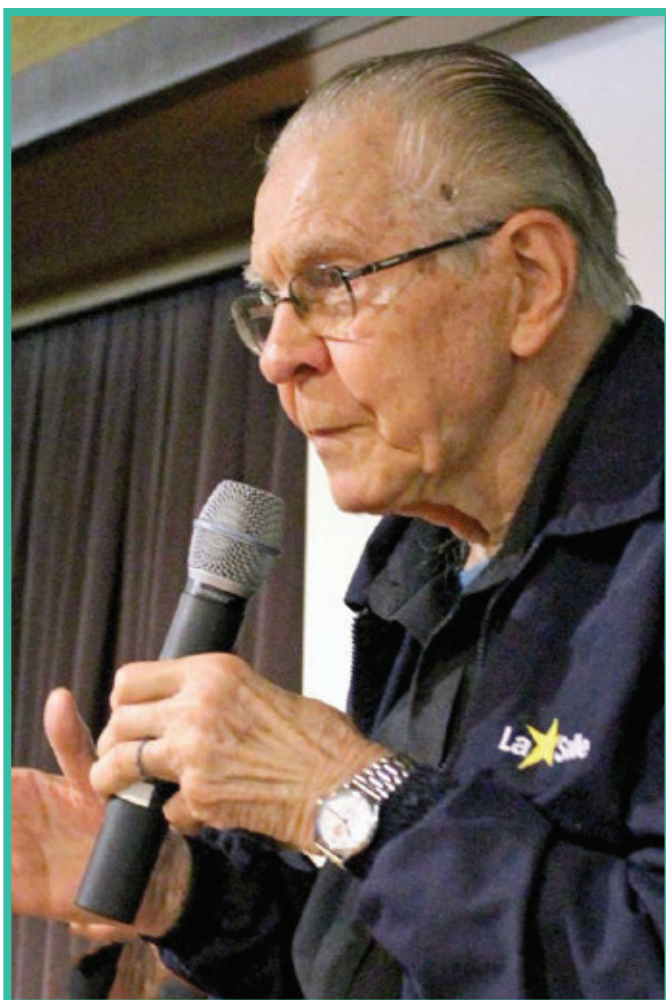
Começamos fundando a Sociedade de Psicologia, em que eu fui tesoureiro, diretor de publicações e vice-presidente. Quando eu era vice-presidente da Sociedade de Psicologia foi aprovada a Lei de 1962. Anos depois, foi fundado o Sindicato dos Psicólogos, primeiro passo para a posterior organização do Conselho Federal e dos Conselhos Regionais de Psicologia. Quando eu era diretor do Instituto de Psicologia, havia apenas três cursos de Psicologia no estado, a PUCRS, a UFRGS e a Unisinos. Hoje em dia tem muitos, é impressionante.

Como o senhor vê a formação das/os psicólogas/os hoje?

Sempre me preocupou a nossa identidade. Em qualquer profissão, advogado, médico, tem uma faixa que só eles de fato atuam. Um especialista em cirurgia estomacal, por exemplo, não vai fazer uma cirurgia cardíaca, pois essa não é a área dele. Na segunda edição do livro “A identidade do Psicólogo”, fiz um esqueminha modesto sobre a nossa identidade, sobre a nossa faixa. Eu sempre me questiono, com a experiência que tive como diretor no Instituto de Psicologia, sobre a competência dos profissionais que saem para o mercado. Na época já era complicado achar bons locais de estágio, o que é muito importante para a formação do psicólogo, mas e agora?

Acredito que falte para a Psicologia um tipo de residência. Um engenheiro, por exemplo, não sai construindo um arranha-céu, uma ponte sobre o Guaíba. E nós temos liberdade para sair fazendo qualquer coisa. Fico com receio pensando no futuro. Será que um dia não haverá tanta falha entre os psicólogos que irão nos limitar, como acontece em outros países?

Comunicação CRPRS



Assista ao vídeo com depoimento de Irmão Justo contando sobre sua aproximação com a Psicologia Humanista, disponível em:
youtube.com/crprs